

Julia Kristeva

**O FUTURO
DE UMA
REVOLTA**

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

O FUTURO DE UMA REVOLTA

COPYRIGHT

© 1998, Calmann- Lévy

CAPA E DESIGN

Carlos Gonçalves

TÍTULO ORIGINAL:

L'AVENIR D'UNE REVOLTE

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Printhauss

©DESTA EDIÇÃO:

De Facto Editores

DEPÓSITO LEGAL

432575/17

AUTORA

Julia Kristeva

ISBN

978-989-8557-81-0

TRADUÇÃO

João Domingos
Maria de Jesus Cabral

DATA

1ª Edição, Santo Tirso,
novembro de 2017

EDITOR

Paulo Cardo

COORDENADOR EDITORIAL

Eusébio André Machado

A presente publicação, coeditada pela De Facto Editores e pelo Centro de Literatura Portuguesa, insere-se nas atividades do grupo de investigação “Teoria da Literatura” (coord. Prof. Doutor Carlos António Alves dos Reis) do Centro de Literatura Portuguesa. Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UID/ELT/00759/2013.

Nenhuma parte desta publicação pode ser transmitida ou reproduzida por qualquer meio ou forma sem a autorização prévia do editor.



© Edição

DE FACTO EDITORES
Rua de S. Bento, 93, 6º andar, sala 3
4780-546 Santo Tirso – Portugal
geral@defactoeditores.pt
www.defactoeditores.pt

CENTRO DE LITERATURA
PORTUGUESA (CLP)
Faculdade de Letras
da Universidade de Coimbra
3004-530 Coimbra

A coleção “Diálogos em tradução” decorre dos trabalhos desenvolvidos no âmbito do Grupo de investigação “Teoria da literatura” do CLP – Centro de Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, por natureza vocacionado para a problematização epistemológica e a correlação interdisciplinar.

Neste sentido, não parece difícil justificar a pertinência da tradução enquanto processo plurimilenar e intercultural de escrita, de leitura e de interpretação, determinante para o estudo da literatura e para a sua conceptualização. Tem, por isso, assumido um papel de crescente relevo no campo dos Estudos Literários e Culturais, na sua relação com os media e as artes performativas, ou ainda no cerne do conceito de “Literatura Mundial”.

É essa geometria variável de reciprocidades, de (co)incidências e de sinergias convocada pela tradução que se propõe ser reflexo e refletir esta coleção. Através da publicação de textos originais ou de textos fundamentais em tradução, pretende-se oferecer à comunidade contributos relevantes para a convergência dos saberes, com a precisão da linguagem científica e o alcance dos textos de divulgação.

Possam eles suscitar ecos e desenvolvimentos noutras (con)textos, revitalizando o princípio distintivo do diálogo na investigação.

João Domingues e Maria de Jesus Cabral
Coordenadores

Ora, o essencial do revolucionário não está em operar a viragem enquanto tal, mas em trazer à luz o que a viragem comporta de decisivo e específico.

HEIDEGGER, Nietzsche (1961)

Índice

| | |
|----------------|---|
| PREFÁCIO | 9 |
|----------------|---|

I

| | |
|-----------------------------|----|
| O ESPÍRITO DE REVOLTA | 13 |
|-----------------------------|----|

| | |
|-------------------------|----|
| QUE REVOLTA HOJE? | 13 |
|-------------------------|----|

| | |
|--|----|
| Semelhanças e diferenças com o “retorno-retrospectivo” | 16 |
|--|----|

| | |
|-----------------------------------|----|
| A psicanálise como re-volta | 18 |
|-----------------------------------|----|

| | |
|---|----|
| Redescobrir o sentido do negativo | 20 |
|---|----|

| | |
|--------------------------------------|----|
| Lógicas paradoxais da re-volta | 23 |
|--------------------------------------|----|

II

| | |
|---------------------------------|----|
| EXPERIÊNCIAS DA LIBERDADE | 27 |
|---------------------------------|----|

| | |
|-------------------------------|----|
| PSICANÁLISE E LIBERDADE | 27 |
|-------------------------------|----|

| | |
|---|----|
| Um pouco de história, Freud e Lacan | 27 |
|---|----|

| | |
|---|----|
| A psicanálise, um moralismo compreensivo? | 36 |
|---|----|

| | |
|--|----|
| Porque é que a psicanálise é um ateísmo? | 41 |
|--|----|

| | |
|-----------------------------------|----|
| A liberdade como re-começo: | 45 |
|-----------------------------------|----|

| | |
|-------------------------------|----|
| O AMOR POR OUTRA LÍNGUA | 48 |
|-------------------------------|----|

| | |
|---|----|
| A outra língua ou traduzir o sensível | 48 |
|---|----|

| | |
|-------------------|----|
| Que língua? | 51 |
|-------------------|----|

| | |
|------------------------------|----|
| França, meu sofrimento | 56 |
|------------------------------|----|

| | |
|---|----|
| Proust, o tradutor | 60 |
| Esboço de inconsciente ou inconsciente mal esboçado: a experiência literária | 63 |
| O escritor é um estrangeiro? | 67 |
| Eurofilia – Eurofobia | 69 |
| Hospitalidade | 69 |
| Alguns elementos para uma investigação..... | 73 |
| Dois modelos de civilização ou a propósito de uma polémica que se alastrou... .. | 78 |
| Futuro de uma utopia, atualidade do político | 81 |

PREFÁCIO

Rebeliões populares, juventude indignada, ditadores derrubados, presidentes que saem dos seus gonzos de oligarcas, esperança e liberdades reprimidas em prisões, processos de carnaval e banhos de sangue. A revolta, chamada riot no Web, estaria ela a acordar a humanidade numérica do seu sonho hiper-conectado? Ou é uma simples artimanha do espetáculo que exige mais para durar? Mas de que revolta estamos a falar? Será ainda possível a revolta, neste tempo de miséria generalizada, de dívida endémica, de austeridade e desemprego, quando as guerras fixadas localmente ameaçam generalizar-se e o degelo está prestes a inundar-nos?

Escrevi *O futuro de uma revolta* (*L'Avenir d'une révolte*, Ed. Calman-Lévy, 1998), de que o leitor encontrará aqui a reedição, na senda do Sentido e sem-sentido da revolta (*Sens et non-sens de la révolte*, Ed. Fayard, 1996) e de *A revolta interior* (*La révolte intime*, Ed. Fayard, 1997), há cerca de quinze anos. A França, sempre orgulhosa da sua memória e da sua exceção cultural, mas cada vez mais dececionada com os esquemas e as promessas com que se nutre a política, e hoje prestes a tornar-se abstencionista numa Europa envelhecida, permanece no entanto ainda animada pelo gosto inalterável da liberdade de pensar, no génio da língua francesa e no culto do debate republicano.

Escutava na altura, e ainda escuto hoje, os meus pacientes em psicanálise: pessoas que, homens e mulheres, sofrem uma crise pessoal, ou a crise simplesmente, e que traçam, por meio de palavras desgastas, o seu eterno retorno, o seu renascer, talvez. Uma nova espécie de irados tomou o caminho da revolta interior: a dos novos realistas que, como se dizia em 1968, desejam o impossível. A sua

revolta parece-me ser a face visível daquela reavaliação do continente religioso a que chamamos experiência interior, e que persiste afirmando-se, ainda que timidamente, secretamente, sensivelmente, sob a superfície das imagens, dos elementos da linguagem e das crispações identitárias.

É essa revolta, em contracorrente da opressão e do temor perante uma crise sem solução, tanto como o encantamento idealista, que ausculto nas páginas que se seguem, traduzidas em várias línguas. O seu sentido vem-me agora como um eco enviado por novos leitores insuspeitos.

Veja-se o investigador americano que, para analisar os benefícios e as armadilhas do bipartidarismo político, se volta para a filosofia europeia, dita “continental”, e prefere questionar os “valores” em vez de refletir a partir de “dados”. Veja-se também aquela advogada e aquela artista chinesas, a quem foi atribuído o prémio Simone de Beauvoir para a liberdade da mulher, que participam no desenvolvimento económico do gigante chinês, mas que assumem o risco de se revoltarem, exigindo a aplicação dos “direitos da mulher” enquanto esperam pelo reconhecimento oficial dos direitos do homem. Assim também os democratas que participaram na “revolução do jasmim”, antes de sofrerem o regresso do islamismo integrista que fora afastado. E, de igual modo, o estudante chileno que erguia uma tradução espanhola dos meus textos sobre a revolta diante do estabelecimento em greve, ostentando o cartaz “Universidade em revolta” por causa das reduções drásticas no financiamento da educação. Assim também aqueles psicanalistas sírios que tentam uma admirável transvaloração da sua tradição quando resistem à ditadura criando as “psicoterapias de grupo contra o medo” ou quando burilam a tradução dos textos de Freud recorrendo a vocabulário da mística árabe.

Esses revoltados de uma nova espécie são os irados que não perderam o sentido decisivo e específico da revolta. Todos e todas estão comprometidos com uma existência difícil, frequentemente dolorosa, e desenvolvem combates arriscados. Entretanto partilham alguma coisa de novo, que provavelmente sempre esteve lá, mas que doravante se torna confessável, se não mesmo reivindicado. Descobrem, por experiência própria, que não existe resposta para os impasses sociais, históricos, políticos sem uma experiência interior radical, exigente, singular, capaz de se apropriar da complexidade do antes, para decidir sobre o presente e o depois.

Para escapar aos técnicos da governação política sem visão. Para combater o fundamentalismo que persegue a corrupção, mas que começa logo por reprimir as liberdades fundamentais. Para evitar o sem-sentido da recusa vingativa que, enquanto duplo simétrico e impotente, denuncia o seu adversário sem alternativa razoável. Não é suficiente ter um programa. São precisos homens e mulheres com experiências interiores singulares, questionadoras, intransigentes, e só nessa condição serão de novo fundadores. Homens e mulheres que saibam transmitir e partilhar uma palavra revoltada, e só assim inovadora.

A poesia sempre soube proferir a vontade da vontade livre, regressando sobre a memória das palavras e extraindo delas o tempo sensível. Em épocas que obscuramente sentimos em declínio, ou pelo menos em suspenso, o questionamento permanece como o único pensamento possível: indício de uma vida simplesmente viva. A interioridade não é a nova prisão. A necessidade que tem de ter laços poderia fundar uma outra política, mais tarde. Hoje, a vida psíquica sabe que não será salva senão oferecendo-se o tempo e o espaço das revoltas: romper, trazer de novo à memória, refazer. Da oração ao diálogo, passando pela arte e pela análise, o

acontecimento capital é sempre a grande libertação infinitesimal: a recomeçar, sempre. Sem ela, não resta à globalização senão calcular as taxas de crescimento e as probabilidades genéticas. As verdades, inclusive as científicas, são talvez ilusões, mas têm o futuro diante delas. Em contraponto a certezas e a crenças, a revolta permanente é este questionamento de si, de tudo e do nada, que visivelmente não tem lugar. Entretanto, se ainda é tempo, façamos uma aposta sobre o futuro da revolta. “Revolto-me, logo somos” (Albert Camus). Ou antes: revolto-me, logo somos por vir. Uma experiência luminosa e de grande fôlego.

Julia Kristeva, agosto de 2012.



O ESPÍRITO DE REVOLTA

QUE REVOLTA HOJE?¹

Desde há pelo menos dois séculos, a palavra complexa e rica que foi inicialmente a palavra “revolta”² revestiu-se de um significado político. Hoje entendemos por revolta uma contestação das normas, dos valores, dos poderes já estabelecidos. Desde a Revolução francesa, a “revolta política” é a versão laica desta negatividade que caracteriza a vida da consciência quando procura permanecer fiel à sua lógica profunda; a revolta é a nossa mística, sinónimo de dignidade.

Ora hoje apercebemo-nos, cada vez mais, de que a “nova ordem mundial” – de que já não é preciso enaltecer as vantagens democráticas, apesar dos seus riscos e mesmo apesar dos impasses a Leste – não é propícia a esta revolta. Revoltar-se contra quem, se o poder e os valores estão vazios ou foram corrompidos? E, mais grave ainda, quem pode revoltar-se, se o homem está cada vez mais reduzido a um aglomerado de órgãos – se já não é um “sujeito”, mas antes uma “pessoa patrimonial” dotada de um “património” não

¹ Frankfurter Rundschau, 21 de janeiro de 1997.

² As muito antigas formas *wel e *welu indicando um ato voluntário, artesanal, culminando na nomeação de objetos técnicos para proteger e embrulhar, deram às palavras os sentidos de “regresso”, “descobrir”, “movimento circular dos planetas”, “volte-face” italiano, o “volume” de um livro, o “vaudeville” francês e até a “Volvo” dos suecos.

apenas financeiro, mas também genético ou fisiológico, que já não é livre senão de desfilhar e escolher os canais televisivos? Esquemático e endureço o quadro da nossa atualidade para melhor pôr em evidência o que todos sentimos: não só a revolta política se dissolve nos compromissos entre os partidos dos quais são cada vez menos nítidas as diferenças, mas também uma componente essencial da cultura europeia – uma cultura da dúvida e da crítica – perde o seu alcance moral e estético. Quando existe, é marginalizada e tratada como decorativa, alibi apenas tolerado da sociedade do espetáculo: isto quando não é simplesmente submersa e tornada impossível pela cultura-diversão, pela “cultura-performance”, pela “cultura-show” (os anglicismos são aqui de circunstância).

Correndo o risco de agravar a minha imagem de pessoa dramática, que se compraz em denegrir a atualidade, gostaria de voltar a alguns aspetos de um romance: *Possessions*³. Com um fundo de intriga policial, descobrimos, numa cidade imaginária, emblema da aldeia planetária aqui chamada Santa Bárbara, o corpo de uma mulher decapitada, Glória Harrison, tradutora de profissão e mãe de uma criança difícil. O leitor constatará que vários assassinos são de facto os autores desta morte, antes da decapitação final. Nesta imagem do sofrimento feminino e materno que resume a dificuldade de ser mulher, coloquei muito da minha experiência pessoal: a mulher decapitada sou eu. Eu sou também a investigadora que faz a investigação policial, ao lado do comissário principal, Northrop Rilksy; uma outra mulher, Stéphanie Delacour, é uma jornalista parisiense. Com efeito, neste universo mafioso e virtual que é Santa Bárbara, a investigação ainda é possível: “podes saber”, diz em suma o romance policial ao leitor, género popular em que se mantém

³ Paris, Edições Fayard, 1996.

viva a possibilidade de questionamento. E não será por isso que, quando já não se lê, ainda se leem romances policiais, degrau zero desta aptidão para julgar que é a interrogação, nosso único baluarte contra a “banalidade do mal”? Considero o meu romance *Possessions* e tantos outros como uma forma baixa da revolta: mas as outras, menos baixas, serão elas verdadeiramente eficazes?

Para além disso, o universo da mulher permite-me sugerir uma alternativa à sociedade robotizante e espetacular que inibe a cultura-revolta: esta alternativa é tão só a intimidade sensível. Possuídos pela sensibilidade e pelas paixões, alguns seres continuam, apesar disso, a colocar-se questões. Estou convencida de que, depois de tantos projetos e slogans, mais ou menos promissores, que foram lançados pelos movimentos feministas durante os anos setenta, a chegada das mulheres ao primeiro plano da cena moral e social terá como resultado a revalorização da experiência sensível como antídoto para a ‘raciocinação’⁴ técnica. A imensa responsabilidade das mulheres relativamente à sobrevivência da espécie – como preservar a liberdade dos nossos corpos preservando simultaneamente as condições otimizadas para a vida das nossas crianças? – avança junto com essa reabilitação do sensível. O romance é o terreno privilegiado de tal exploração – e da sua divulgação para o maior número. Em paralelo e para além da cultura da imagem, da sua sedução, da sua rapidez, da sua brutalidade e da sua ligeireza, a cultura das palavras, a narração e o lugar que ela reserva à meditação, surge-me como uma variante da revolta minimizada. É pouca coisa, decerto. Mas será que não teremos atingido um ponto sem regresso a partir do qual precisamos de re-gressar às pequenas coisas: Re-volta infinitesimal para preservar a vida do espírito e da espécie.

⁴ N.T. “Ratiocination” no original.